



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'O Que é Um Escritor Maldito. Estudo de Sociologia da Literatura', de João Pedro George]

José Cândido de Oliveira Martins

Para citar este documento / To cite this document:

José Cândido de Oliveira Martins, "[Recensão crítica a 'O Que é Um Escritor Maldito. Estudo de Sociologia da Literatura', de João Pedro George]", *Colóquio/Letras*, n.º 190, Set. 2015, p. 263-266.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

vale sobretudo pela auto-ironia, traço característico da personalidade de Onésimo Almeida, que assim aproveita para nos dar uma lista das obras de autores açorianos que considera fundamentais. Segue-se, finalmente, um índice analítico com onze páginas a duas colunas, o que basta para que se tenha uma ideia do número e da variedade de autores e títulos aqui evocados.

Com este livro fica definitivamente arrumada, no foro conceptual, a velha discussão sobre a «literatura açoriana» como uma das manifestações da «identidade cultural açoriana», ainda que, no plano da bibliografia material existente, possa a mesma alimentar-se de alguns equívocos, que no entanto já não se devem a questões de ordem histórica, antropológica, literária ou mesmo epistemológica. Dever-se-ão, isso sim, a questões de gosto, que o autor involuntariamente ilustra com uma anedota em que Edward Shils, um famoso cientista social americano, «tendo sugerido algumas alterações estilísticas num artigo submetido por um autor a uma revista académica, as suas propostas foram recebidas com desdém, como sendo apenas uma questão de gosto. Ao que Mr. Shils respondeu imperturbável: ‘Sim, é só uma questão de gosto — o bom contra o mau gosto!’» (195).

Mas essa já será uma outra história, que para aqui não interessa. O que interessa, sim, é que esta *Minima Azorica* de Onésimo Teotónio Almeida é, de facto, um *rationale*, na medida em que identifica, discute e organiza os elementos fundamentais para a definição e consolidação do que se entende por identidade cultural açoriana. Esperemos agora pela *Magna Azorica*.

*Luiz Fagundes Duarte*

[O Autor segue a antiga ortografia.]

**João Pedro George**  
**O QUE É UM ESCRITOR**  
**MALDITO?**

ESTUDO DE SOCIOLOGIA  
DA LITERATURA

Lisboa, Editorial Verbo / 2013

Depois do moderno «nascimento do escritor» (Alain Viala), enquanto personagem social com estatuto e função reconhecidos, sobretudo na sociedade setecentista e oitocentista, e da sua afirmação no meio literário e na esfera pública (Habermas), entre as muitas figurações mitificadas — mago e visionário, profeta e guia («Les Phares», de Baudelaire), *dandy* e artista —, sobressai a do *escritor maldito*, criador irreverente e heterodoxo, marginal e incompreendido. É justamente este tema singular da *maldição* que singulariza certo tipo de escritor que João Pedro George desenvolve no presente ensaio a partir da literatura ocidental moderna e de diversas formulações discursivas.

De facto, como nos sintetiza o ensaísta, bem antes do aparecimento da obra de Paul Verlaine, *Les Poètes maudits* (1884 [3.<sup>a</sup> ed., aum., 1888]) (119-29), ou dos textos de Baudelaire sobre Edgar Allan Poe, já o conceito era utilizado, contando mesmo com uma certa tradição crítica, cuja «arqueologia» o ensaísta se propõe concretizar neste trabalho. E fá-lo com conhecimento de uma bibliografia teórico-crítica atualizada sobre o tema, com destaque para estudos relevantes como o de Pascal Brissette (*La Malédiction littéraire*, 2005), para quem esta figura mítica nasce com a afirmação da nova sensibilidade pré-romântica na segunda metade de Setecentos.

Com esse objetivo, o autor estrutura o seu ensaio em 19 pontos ou capítulos breves, desde as considerações introdutórias à bibliografia final. Porém, essa sequência não esconde duas partes nucleares: um primeiro momento (2 a 15) sobre as origens

e diversas configurações discursivas que foram desenhando a imagem do escritor maldito, no contexto da cultura europeia, com destaque para o imaginário romântico e pós-romântico. Um segundo momento — ponto ou capítulo 16, com subdivisões e contando com «fontes» específicas na bibliografia final (obras literárias, artigos da imprensa periódica, ensaios críticos, etc.) — centrado em certa genealogia da maldição literária na literatura portuguesa, a partir do pré-romantismo de Bocage e a terminar no contemporâneo Luiz Pacheco, a quem pertence, assumidamente, a formulação da pergunta escolhida para título (232). Em ambos os domínios, abordam-se textos e facetas que, ao longo dos tempos, foram configurando o «trágico destino do escritor genial» (11).

Assim, numa primeira e mais alongada etapa, o ensaísta vai delineando o perfil que compõe a marcada representação do escritor maldito (19) e o desenvolvimento desta prolongada narrativa mitificadora. Mesmo antes da emergência dos movimentos de vanguarda, já se afirmava esse «estatuto singularíssimo» do escritor desgraçado, envolto numa certa aura de superioridade, de marginalidade e de incompreensão geral. O escritor maldito constrói-se assim numa representação compósita que fecundou «um conjunto poderoso de narrativas culturais», ao mesmo tempo que revela uma «tomada de consciência da individualidade» do criador nos novos contextos sociais e urbanos oitocentistas, e, conseqüentemente, de um novo meio literário (14). O desenvolvimento de uma sociedade industrial, capitalista e burguesa, com transformações político-sociais e novos hábitos culturais, a par da crescente laicização e individualização do sujeito, operou uma lenta revolução dos tempos modernos.

O prolongado processo de construção retórica desta representação social do

escritor maldito é indissociável de uma «sociologia histórica das representações do escritor» (15). Ao mesmo tempo que congrega alguns traços ou conotações negativas, envolve uma ética positiva da imagem do escritor, congenialmente anti-poder ou de resistência antissistema (99), num inconformismo de marginalizado e de possuidor de uma consciência da sua singularidade e desgraça, diante da falta de reconhecimento social. Neste sentido, o ensaísta detém-se na apresentação ilustrada deste tipo ideal de escritor moderno, através de traços como a melancolia, a pobreza e a perseguição. Complementarmente, recorda-nos que ao autor maldito é creditado um conjunto de qualidades como a sensibilidade e o génio, a sinceridade e o desinteresse, a coragem e a grandeza, compondo aquilo que designa como «ética do sofrimento» (18, 24). Tudo concorre para a sedimentação da imagem de um artista melancólico, absolutamente singular e autêntico, numa autoconsciência de genialidade predestinada e incompreendida, que não se vende nem se conforma com certa doxa dominante, imagem essa que a estética romântica enfatizou e as tendências pós-românticas prolongaram, numa manifesta «retórica da transgressão» (235).

Recorrendo a uma *mystique de la souffrance* (P. Brissette), esta representação do artista sofredor serve-se mesmo de figuras crísticas, ou de santo e mártir; não esquecendo a tradicional associação da genialidade a uma certa dose de loucura, transformando o artista moderno no «louco criador», mesmo que incompreendido na sua superior originalidade e capacidade de visionário. De facto, recorrendo a uma linguagem religiosa, as representações da maldição literária — personificada pelo «génio perseguido» ou «predestinado ao infortúnio», possuidor de uma aura singular — oscilam entre a

simbólica de Cristo e de Satanás, entre o justo crucificado e o maldito ou anjo caído (55 ss).

Como grande paradigma moderno, «epónimo da figura crística», destaca-se Van Gogh, através da absoluta singularidade da sua vida e obra, reconfigurando-se o estereótipo ou mito do artista maldito. A criação é cada vez mais identificada como expressão de uma personalidade, de um autor enquanto «ego atormentado» (Susan Sontag). Neste processo de «invenção» de uma existência intensa, boémia e invulgar e, conseqüentemente, da sua mitificação, têm manifesta relevância as narrativas em torno da vida dos artistas, sob a forma de autobiografias, diários ou textos memorialísticos. Escandalizando certo leitor acomodado (*épater le bourgeois*), a excentricidade do criador moderno passa a avaliar-se por novos valores estéticos: «sinceridade, autenticidade, originalidade, singularidade» (87).

A par da melancolia, também a pobreza foi reconhecida como um dos grandes atributos do escritor maldito, tornando-se um valor positivo da sua imagem, enquanto atitude de despojamento e de desinteresse material. Por isso, torna-se tão frequente a imagem do escritor centrado na sua criação artística, mesmo que a dedicação à sua obra implique «a precariedade da sua situação material» (34). Esta é outra face do génio desgraçado, que chega a exhibir a sua condição marginal, ao mesmo tempo que não abranda no registo de crítica sobre essa sociedade que o relega para a periferia e para a miséria, como no caso emblemático de Baudelaire (102).

Daqui decorre uma tópica autoconsolação ou retórica da perseguição, explorada pelo génio que se apresenta como vítima de uma sociedade que o condenou à miséria. O mesmo é dizer, o escritor maldito investe neste «capital de perseguição» como forma de «capital de reconhecimen-

to e de legitimação: o mérito e a verdade são sempre perseguidos» (36). Numa palavra, a independência tem um alto custo; a genialidade é causa da desgraça, e esta é prova daquela, ao mesmo tempo que se revela poderoso fator de inspiração. Afinal, só a infelicidade dá acesso ao génio criador, num lugar-comum omnipresente no imaginário literário e cultural, em que a maldição se torna um mecanismo de valorização.

Traçado este retrato geral, João Pedro George ilustra a sua teorização sociológica do escritor maldito com a apresentação de figuras de escritores que personificaram alguns desses traços definidores e as suas metamorfoses, a começar por Rousseau, o autor de *Emílio*, narrativa que «contribuiu para que a pobreza, a reclusão e a marginalidade adquirissem uma carga positiva no domínio da criação artística e intelectual» (41). Afinal de contas, a estética e psicologia românticas investiram decisivamente na ideia do escritor como ser vocacionalmente predestinado (44). À mencionada galeria de figuras também se pode acrescentar Mozart, que contribuiu para a «institucionalização do artista livre», na leitura sociológica de Norbert Elias (49). É sobretudo com autores como Verlaine que se cristaliza o mito do *poète maudit*, numa postura de marginalidade e de «recusa do aburguesamento», preferindo uma «posteridade redentora».

Naturalmente, João Pedro George mostra consciência sobre uma difusa pré-história desta representação moderna, anterior ao ideário romântico, quando ocasional e rapidamente recua a épocas pretéritas, como os séculos medievais ou o classicismo renascentista, para encontrar a longa arqueologia de certos traços definidores do escritor maldito. Entre outras sugestões, talvez fosse possível ainda enfatizar antecedentes como a «altivez do poeta» clássico da Antiguidade, cons-

ciente da sua superioridade cultural; ou aprofundar a ideia platónica da «loucura divina dos poetas», entre outros tópicos recebidos desse fecundo legado clássico, tal como recordado por E. R. Curtius, em *Literatura Europeia e Idade Média Latina*.

Numa segunda parte, mais concentrada, João Pedro George reflete especificamente sobre o processo de construção sociológica do escritor maldito na literatura portuguesa moderna (20 e 141 ss). Embora, positivamente, já na primeira parte surjam referências ocasionais à literatura portuguesa, nesta etapa trata-se de ilustrar a «génese e evolução do 'maldito' em Portugal» desde as figuras setecentistas de Nicolau Tolentino e sobretudo de Bocage, passando por nomes românticos, associando génio e desventura, como Camilo, entre outros.

Nessa variada linhagem dos escritores «desgraçados», glosa-se o tópico segundo o qual os génios estão destinados ao infortúnio (163). Por isso, não surpreende que a imagem dos escritores desgraçados vá ganhando novos contornos no imaginário pós-romântico ou neorromântico (Gomes Leal, por exemplo); sem esquecer os génios marginalizados do modernismo ou da rebeldia surrealista, de Raul Leal e Ângelo de Lima até Mário Cesariny. Significativamente, na genealogia de românticos e vanguardistas, Camões ergue-se como «arquétipo do poeta miserável e desprezado pela sociedade» (218). Para o ensaísta, como sugerido, Luiz Pacheco encarna de pleno direito «o modelo literário que valoriza o sofrimento, a pobreza e a perseguição como provas de grandeza e de mérito literário» (220), prefigurando assim «o maldito por antonomásia».

A autonomia da literatura não exige que a leitura dos textos seja exclusivamente literária, sendo consensual que os estudos literários constituem um campo com frutíferas relações interdisciplinares. A par

de outros estudos na área da sociologia da literatura — domínio científico sem grande expressão em Portugal, ao nível da investigação e da publicação —, João Pedro George publica assim mais um meritório livro nesta área específica, nomeadamente depois do seu alongado trabalho sobre Luiz Pacheco (cf. *Colóquio/Letras*, n.º 181, set. 2012, p. 242-44).

*José Cândido de Oliveira Martins*

## LITERATURA CABO- -VERDIANA

---

### FICÇÃO

**Germano Almeida**  
**DO MONTE CARA VÊ-SE**  
**O MUNDO**

Lisboa, Editorial Caminho / 2014

O último livro de Germano Almeida é apresentado pelo autor como «romance», mas poderíamos dizer que se trata antes de uma crónica, tendo em conta a autenticidade dos factos narrados e tudo o que a sua dimensão coletiva implica.

A obra dá a ler uma crónica sobre o Mindelo e a vida quotidiana dos seus habitantes sob o ponto de vista de uma das personagens, Pepe. Este, um tagarela infatigável — é um «homem de palavra», de «resposta pronta e argumento fácil» (74) —, apaixona-se pela história da cidade ao ponto de planear lançar ao papel tudo o que sabe sobre a ilha e a sua gente (411). Contudo, antes de deitar mãos à obra, Pepe conversa longamente com alguns dos seus conterrâneos, e são estas conversas, em alternância com outras vozes, de amigos e conhecidos, que constituem a matéria principal do livro.

Os diálogos versam maioritariamente sobre a vida amorosa dos nativos, que é,